

D. BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIS BRANDÃO

Acaba de sahir á luz o 1.º volume dos *Contos da Mocidade* da nossa poetiza a Sra. D. Beatriz F. de Assis Brandão.

Apenas tive tempo de correr os olhos sobre as paginas dosto livro de poezias, e ainda não est:u no caso de lhe fazer a justiça merecida.

O respeito devido ao sexo da autora não dispensa a imparcialidade da critica, e a propria poetiza se ressentiria se de outro modo eu pensasse.

E louvando desde já a nobre coragem com que uma Senhora se apresenta diante do publico expondo os bellos fructos de sua intelligencia, adio para mais tarde o juizo sobre as suas produções poeticas.

(«A Semana» felhotim do «Jornal do Commercio», em seu n. de 1.º de novembro de 1857).

Essa publicação fora em 1852 annunciada pelo Guanabara (revista litteraria sob a direcção dos nossos litteratos os Srs. Porto Alegre, Dr. Macedo, Conego F. Pinheiro e outros) em seu n. de fevereiro á pag. 140 nos seguintes termos:

«Estão a sahir á luz as poezias de D. Beatriz, sobrinha da *Marilla de Dirceo*, e de que os nossos leitores já tiveram uma amostra, em confrontação com o Sr. Norberto.

O grande numero de assignaturas asseguram um exito feliz á respeitavel ant:ra desses contos, que as mais das vezes tem uma valentia varonil.

A Sra. D. Beatriz pertence á escola italiana: foram sempre seus grandes modelos os poetas italianos, mormente Gozzini e Metastasio.

Algumas de suas composições, que vimos manuscriptas, tem o grande valor de revelarem a candura do sua alma n'um estylo fiavel, e sem as obsc:rosidades e affectações de todos esses imitadores que vivem n'um monologo sem fim, e enchem um livro com o monotonico «eu», que, apesar de todos os artificios de uma modestia calculada não deixam de enfatizar o leitor.

O «eu» é toleravel nos grandes poetas, porque desses se colhe uma harmonia em cada gemido, um diamante em cada lagrima; e por que elles nos conduzem por trilhos variados, novos e circulados de melodias.»

E pelos jornaes (vid. «Correio Mercantil» de Dez. de 1853), o seguinte annunci:

«Cantos da Mocidade»

Poesias de D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, acham-se no prelo, em casa do Sr. Candido Martins Lopes em Niterohy.

Constão de tres grossos volumes:—1.º Poesias sentimentaes em diversos metros; 2.º Obras nacionaes e varias;—3.º traducções de alguns dramas de Metastasio, e outras composições.

As assignaturas são de \$3000 por toda a obra, e recebem-se em casa dos Srs. Laemmert, Paula Brito, typ. do «Mercantil» e na do editor.

A autora se recomenda á generosidade dos habitantes do Rio de Janeiro e provincias para ajudarem nesta empreza muito superior as suas posses.

Em 1832 publicou uma traducção das «Cartas de Leandro a Hero e deste aquello.»

Já então era o seu merito muito bem reconhecido pelos amigos da poesia.

(Vej. «Diario do Governo» n.º de 7 de maio desse anno).

Em seu numero de 23 de Abril de 1868 o «Correio Mercantil» transcreveu o seguinte de um jornal do Rio Grande:

A «Prima de Marilia»

Nossos leitores não sabiam ainda de certo que, da meiga Marilia de Dirceó, morta ha bem poucos annos, ficava uma prima sua intima e mais chegada amiga, sua confidente e guarda de muitas e gentis memorias daquelles suavissimos tempos fante das celebradas lyras que fizeram o lustro de Gonzaga e da graciosa Mineira que as inspirava, para destila sua a gloria do sua patria.

Chamava-se D. Beatriz Francisca de Assis Brandão; e os que guardarem lembrança da conceituada—Marmota—do malogado Paulo Brito hão de recordar esse nome nos de seus mais assíduos e felizes collaboradores.

D. Beatriz era um animo varonil e uma inspirada poetiza.

As torras peripetias de sua juventude e o poetico lidar nos amores e tracto de Gonzaga, despertavam-lhe o estro, que começou nos seus primeiros alvoro, e que foi seu unico e inseparavel companheiro no infortunio.

Em lvro não sabemos que publicasse mais que os «Cantos da Mocidade», collecção de suas primeiras e brandas poesias; porém, descuidada e prodiga com a aragem de nossas montanhas, como a aragem

esparge aromas e flores, espargia ella de seus cidentes versos ora nesta, ora naquella publicação litteraria, sempre de graça, sempre desejosa só de que a sua briza ombalsamasse o ambiente litterario da nossa intelligente mocidade e lhe formasse o coração e o espirito.

Assim morreu ella pobre.

Tinha parentes ricos, muito ricos mesmo; porém, naturalmente não gostariam de versos, e os ultimos annos da meiga poetiza definharam-se em privações e amarguras, que nunca dobraram-lhe o animo altivo e generoso nem lhe seccaram a fonte onde havia á farta consolações e conforto, o caudal de uma imaginação do privilegio, prenho de religião, de poesia e de lembrança.

A' hora suprema mandou chamar uma amiga, amiga dos negros dias do infortunio e que mais de uma vez lhe fora rosto amigo e apoio sincero nas horas de provação e de amargura.

Queria dizer-lhe adeus e fazer-lhe uma ultima deixa...

Era um rôllo de papeis sobrecapado a S. M. a Imperatriz, uma derradeira poesia, memoria que sagrava a mão dos pobres, ao anjo tutelar de todas as desgraças, ao coração de ouro, cujo menor titulo de gloria e de benemerencia é a elevada posição que occupa.

A deixa da velhinha foi religiosamente entregue a S. M.; e nós que algum dia tivemos a fortuna de encontral-a, o prazer de ouvil-a, de viver por seus labios naquello romance em acção de «Marilia e Dirceó» consagramos á memoria daquella para quem começa a preteridade estes tres versos, que ella mesma dedicara não á campa, mas aos tentamens d'outra valente poetiza:

«Eu te saúdo, illustre brasileira.

«E nesta de minha alma ingenua afrenda

«Por minha voz a patria te agradece».

Foi lida e remmetida a uma comissão especial de Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo e Antonio Gonçalves Dias a seguinte proposta na 220.ª sessão do «Instituto Historico e Geographico Brasileiro», em 25 de Outubro de 1850:

«Propomos que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, como illustre representante do movimento e progresso das lettras no Novo Mundo, honre o talento e o merito das Senhoras Brasileiras; na pessoa da Illma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, distincta poetiza, já conhecida e estimada nos circulos litterarios pelas suas composições admittindo a na classe de seus membros honorarios, para incentivo e estímulo ás nossas patriotas reciosas de se darem á cultura das lettras e effundar os preconceitos da nossa velha educação publicando as produções do seu espirito».

(Assignado) «Joaquim Nabuco de Sousa e Silva», «João José de Sousa e Silva Rio», «Luiz Antonio Castro».

A commissão foi de parecer.—

(Sessão em 5 de Dezembro de 1850):

«Que não se pode legalmente disputar ás Senhoras o direito de fazer parte desta importante associação;—e seria de parecer que a proposta fosse approvada, si outras considerações não a movessem a julgar conveniente que por hora se não delibere a respeito de sua matéria;

«.....que parecia mais concludente que a distincta poetiza fosse recebida como ornamento de uma Sociedade Litteraria, cujos fins não estejam limitados a Historia e a Geographia.

«Respeitando muito e tendo em subido apreço o merecimento da nossa distincta patricia, a commissão historica ainda, e apesar das considerações expostas, em offerer este parecer, se por ventura não houvesse no Instituto a idéa da criação de uma Academia Brasileira; mas tendo, como é de esperar, de realisar-se esse pensamento, é de parecer que o Instituto sobrestando em qualquer juizo a respeito desta questão, espere pela instalação da Academia Brasileira para a ella remetter a proposta offerencia».

O BARÃO D'AYURUOCA*

(N. no dia 3 de Dezembro de 1782, M. no dia 17 de Novembro de 1859).

Sahir do campo das abstracções, das theorias mais ou menos bellas, para descer á realidade, mostrar que a beneficencia não é um formoso ideal; mas sim uma realidade mil vezes operada por este ou aquelle vulto historico, ou ainda pelo humilde cidadão, cujo nome não franqueou os terminos do seu municipio, que a dedicação pertence a todas as classes, que o heroismo não está só no campo da batalha, ou na lucta contra os elementos, mas tambem na coragem do medico, do padre, ou do enfermeiro, que affrontam a morte para levarem ao pestiferado os soccorros da sciencia, da religião ou da caridade; é quanto a nós o mais proveitoso de todos os estudos, e a que melhor caberá o titulo de curso pratico de virtude ou moral em acção.

Não foi o protagonista da nossa tosca narrativa um denodado guerreiro, que com a espada gravasse o seu nome nos disticos nacionaes, um sabio que com suas lucubrações alargasse o circulo dos conhecimentos humanos, um missionario que extendesse os horizontes da fé; mas um honrado lavrador, sincero patriota, providencia dos pobres, energico agente da civilisação e do progresso.

Quem ha ahí nas tres provincias Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, que nunca ouvisse fallar no Coronel Custodio Ferreira Leite, condecorado na sua velhice com o titulo de barão de Ayruoca?

Quem ha, que não refira algum acto de beneficencia por elle praticado?

Quantas familias não foram por elle amparadas, quantas dissensões domesticas pela sua legitima assenencia terminadas?

Não registrará portanto esta Revista em suas paginas o biographia d'um homem obscuro, ou d'algum desses enfatuado, que nenhum vestigio, sinão os da vaidade e do orgulho, deixaram de sua passagem pelo mundo.

* Pelo Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro—Rev. Popular n. 37 de 1.º de Julho de 1860.